

LA TRADUCTION – LE POUR ET LE CONTRE	A TRADUÇÃO – PRÓS E CONTRAS
<p style="text-align: right;"><i>Italo Vieira Lima</i></p> <p>Als ich vor paar Tagen bei den Bouq <u> inisten vorbeikam, fiel mir zufällig die fr<an> z <ösische> Übers <etzung> eines d <eu> tsch <en> ph <ilosophischen> Buchs in die Hand. Ich blätterte darin wie man eben in den Büchern am Quai blättert, suchte die Stellen heraus, die mich oft und ausführlich <ich> beschäftigt hatten – welche Überraschung. Die Stellen waren nicht da.</p> <p>Sie meinen, Sie haben sie nicht gefunden? Doch <,> gefunden habe ich sie schon. Aber als ich ihnen ins Gesicht sah, hatte ich das peinliche Gefühl, sie erkennen mich ebensowenig wie ich sie erkenne.</p> <p>Von welchem Philosophen sprechen Sie eigentlich?</p> <p>Ich spreche von Nietzsche. Sie wissen, daß... ihn übersetzt hat.</p> <p>Die Übersetzung ist, soviel ich weiß, sehr geschätzt.</p> <p>Sicher nicht zu Unrecht. Aber was mich an den Stellen, die mir vertraut gewesen waren, befremdete, war nicht ein Mangel der Übersetzung sondern etwas, was vielleicht sogar ihren Vorzug darstellt: Der Horizont und die Welt um den übersetzten Text selbst war ausgewechselt und selbst französisch.</p> <p>Die Welt um einen philosophischen Text herum scheint mir die jenseits aller nationalen Charaktere befindliche Welt des Gedankens zu sein.</p> <p>Es gibt keine Gedankenwelt, die nicht eine Sprachwelt wäre, und man sieht nur das an Welt, was durch die Sprache vorausgesehen <t> zt ist.</p> <p>Sie meinen das im Sinne Humboldts, der überzeugt war, daß jeder zeit seines Lebens unterm Banne seiner Muttersprache Stünde. Sie sei wirklich die Sprache, die für ihn denkt und sieht.</p> <p>Glauben Sie wirklich, daß Neologismen, wie sie</p>	<p style="text-align: right;"><i>Italo Vieira Lima</i></p> <p>Alguns dias atrás, quando passei próximo aos <i>bouquinistes</i>, caiu-me à mão por acaso a tradução francesa de um livro alemão de filosofia. Eu o folheei como agora se folheiam os livros no cais, procurando passagens que, frequente e detalhadamente, me ocuparam – que surpresa! As passagens não estavam lá.</p> <p>O senhor acha que não os encontrou? Sim, eu já as encontrei. Mas quando lhes vi a face tive um doloroso sentimento: elas me reconhecem tão pouco quanto eu as reconheço.</p> <p>Mas de qual filósofo você fala propriamente?</p> <p>Estou falando de Nietzsche. Você sabe, que... o traduziu.</p> <p>A tradução, como bem sei, é muito estimada.</p> <p>Certamente isto não é injusto. Mas o que me pareceu estranho nas passagens, que me eram familiares, não era uma carência da tradução, mas algo que talvez até mesmo representa sua vantagem: o horizonte e o mundo em torno do texto traduzido estava substituído e era mesmo francês.</p> <p>Parece-me que o mundo em torno de um texto filosófico deve ser o mundo do pensamento, situado para além de todos os caracteres nacionais.</p> <p>Não há mundo do pensamento que não seja um mundo da linguagem e se percebe no mundo apenas aquilo que é pressuposto pela linguagem. O senhor quer dizer no sentido de Humboldt, o qual estava convencido de que cada momento de sua vida permanecia sob o feitiço de sua língua materna. Ela seria realmente a língua que pensa e vê para ele.</p> <p>O senhor acha realmente, que os neologismos,</p>

Graduado em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza e em Filosofia pela UECE - Universidade Estadual do Ceará. Atualmente, cursando especialização em ensino de Filosofia na Faculdade Católica de Fortaleza. Brasileiro, residente em Fortaleza-CE. Email:

itvi.lima@gmail.com

<p>Nietzsches Sprache auszeichnen, eine echte gedankliche Tragweite haben?</p> <p>Eine gedankliche, weil eine historische. Wenn Nietzsche die deutsche Sprache glänzend mißbraucht, so rächt er sich dafür, daß niemals eine deutsche Sprachtradition – es sei den in der dünnen Schicht der literarischen Expression – wirklich zustande gekommen ist. Die Freiheiten, die die Sprache ließ, nahm er sich nocheinmal, um sie ihr vorzuhalten. Und der Mißbrauch der deutschen Sprache bedeutet letztlich die Kritik an der Unfertigkeit des deutschen Menschen. Wie kann diese Sprachsituation in eine andere übersetzt werden?</p> <p>Das hängt – so erstaunlich es klingen mag – von der Art ab, in der die Übersetzung eingesetzt wird. Täuschen wir uns nicht: sie ist vor allem einmal eine Technik. Und warum sollte sie als solche sich nicht mit andern Techniken kombinieren lassen. Ich denke da in erster Linie an die Technik des Kommentars. Die Übersetzung bedeutender Werke wird umso weniger Chancen haben zu gelingen, je mehr sie ihre technisch dienende Funktion zu der einer selbständigen Kunstform zu erheben bestrebt sein wird.</p> <p>Diese glückliche Form der Übersetzung, die im Kommentar Rechenschaft von sich ablegt und das Faktum der verschiedenen Sprachsituation mit zum Thema macht, ist der Neuzeit leider in wachsendem Maß verloren gegangen. Sie hatte ihre Blüte in einer Epoche, die von den Aristotelesübersetzungen des Mittelalters bis zu den zweisprachigen kommentierten Klassikerausgaben des siebzehnten Jahrhunderts reicht. Und gerade weil die Verschiedenheit der Sprachsituation zugestanden war, konnte die Übersetzung wirksam, zum Bestandteil der eignen Welt werden. Aber allerdings scheint mir die Anwendung dieser Technik auf poetische Texte überaus problematisch.</p> <p>Was spricht für Übersetzen Fortschritte der Wissenschaft im internationalen Maßstab (Das Lateinische, Leibnizsche Universalsprache) Pädagogischer Wert der großen Schriftwerke</p>	<p>característicos da língua de Nietzsche, têm um alcance autêntico de pensamento? Um alcance autêntico de pensamento porque histórico. Quando, brilhantemente, Nietzsche abusa da língua alemã, vingava-se pelo fato de que nunca surgiu realmente uma tradição de língua alemã – exceto na fina camada da expressão literária. As liberdades que a língua deixava, ele as tomava novamente para censurá-las. E o abuso da língua alemã significa, no fim, a crítica sobre a incompetência do indivíduo alemão. Como pode esta situação linguística ser traduzida em uma outra?</p> <p>Isso depende - por mais surpreendente que soe - do modo no qual a tradução é empregada. Não nos enganemos: acima de tudo, ela é uma técnica. E por que não se deveria esperar que ela, enquanto tal, pudesse se combinar com outras técnicas. Aqui eu penso primeiramente na técnica do comentário. A tradução de obras relevantes terá pouquíssimas chances de ter êxito quanto mais ela tiver a pretensão de elevar sua função tecnicamente auxiliar a de uma forma de arte autônoma.</p> <p>Essa forma hílare da tradução, que dá conta de si no comentário e põe juntamente como tema o fato da diversidade da situação linguística, infelizmente, na modernidade, foi perdendo-se cada vez mais. Ela teve sua florescência numa época, que desde as traduções de Aristóteles da Idade Média chega até as edições clássicas bilíngues comentadas do século XVII. E justamente porque a diversidade da situação linguística foi reconhecida, a tradução conseguiu efetivamente se tornar parte do próprio mundo. Mas, de fato, a utilização dessa técnica em textos poéticos parece-me extremamente problemática.</p> <p>O que fala a favor da tradução? Progressos da ciência em escala internacional (o latim, a língua universal de Leibniz)</p> <p>Valor pedagógico de grandes escritos do</p>
--	---

Graduado em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza e em Filosofia pela UECE - Universidade Estadual do Ceará. Atualmente, cursando especialização em ensino de Filosofia na Faculdade Católica de Fortaleza. Brasileiro, residente em Fortaleza-CE. Email:

itvi.lima@gmail.com

<p>der Vergangenheit Befreiung vom Vorurteil der eignen Sprache (Der Sprung über die eigne Sprache)</p> <p>Kontrolle der gleichzeitigen Geistesbewegungen in den verschiedenen Völkern. >>Ist es also ein Manko, daß es mehrere Sprachen gibt?<< Verneinung <.> Wilhelm von Humboldt: Verschiedenheit des Sprachbaus</p> <p>Grenze: Übersetzungsunbedürftigkeit der Musik. Lyrik: der Musik am nächsten – größte Übersetzungsschwierigkeiten.</p> <p>Grenze der Übersetzung in der Prosa – Beispiele</p> <p>(Wert schlechter Übersetzungen: produktive Mißverständnisse)</p> <p>Das Faktum daß ein Buch übersetzt wird, schafft in gewissem Sinn schon sein Mißverständnis. Jean Christophe – ausgesucht wird meist das, was auch in der eignen Literatur geschrieben werden könnte.</p> <p><Karl Christian Friedrich> Krause in Spanien. Mißachtung der Nuancen</p> <p>Eine gewisse Brutalität im Geistesbild</p> <p><i>Höchste Gewissenhaftigkeit mit größter Brutalität verbinden</i></p> <p>Jenes von Stresemann lächerlich gemeinte Wort: >>Man Spricht Französisch in allen Sprachen << ist ernster als er meinte, den der Sinn der Übersetzung ist überhaupt: die fremde Sprache in der eignen zu repräsentieren.</p> <p><fr 3 ></p>	<p>passado. Libertação do preconceito da própria língua (o salto para além da própria língua)</p> <p>Controle dos movimentos espirituais isocrônicos nos diferentes povos. “Então há uma falha, de que existem várias línguas?” Negativo. Wilhelm von Humboldt: diversidade da estrutura linguística</p> <p>Limite: não necessidade de tradução da música. Poesia lírica: a mais próxima da música – as maiores dificuldades da tradução.</p> <p>Limite da tradução em prosa – exemplos</p> <p>(Valor das más traduções: mal-entendidos produtivos)</p> <p>O fato de que um livro foi traduzido já produz em certo sentido seu mal-entendido. Jean Christophe – o que geralmente é escolhido poderia também ser escrito na própria literatura.</p> <p>[Karl Christian Friedrich] Krause na Espanha. Desprezo às nuances</p> <p>Certa brutalidade na imagem do intelecto</p> <p><i>Unir a máxima escrupulosidade à maior brutalidade</i></p> <p>Aquela palavra, que Stresemann ridiculamente disse: “Fala-se francês em todas as línguas” é mais séria do que ele pensou, porquanto o sentido da tradução é sobretudo o seguinte: representar a língua estrangeira na própria língua.</p>
--	--

BENJAMIN, Walter. **Gesammelte Schriften**. (Org.) Rolf Tiedemann e Hermann Schweppenhäuser. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1985. v. 6. p. 157-160. Fragm. 131.

Graduado em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza e em Filosofia pela UECE - Universidade Estadual do Ceará. Atualmente, cursando especialização em ensino de Filosofia na Faculdade Católica de Fortaleza. Brasileiro, residente em Fortaleza-CE. Email: itvi.lima@gmail.com